

História vergonhosa

Quadrinhos mostram a São Paulo do século 17

MAURO TRINDADE

HÁ 300 anos, São Paulo já era um horror. Quem duvidar, basta dar uma olhada em *O negócio do sertão* ou *Como descolar uma grana no século XVII*, história em quadrinhos do paulista André Toral. A revista da Editora Dealer chegou despercebidamente nas bancas de jornal no mês passado e segue em firme e discreta carreira.

Ao contrário dos indefectíveis super-heróis que infestam o mercado de quadrinhos, *O negócio do sertão* só tem gente comum. Ele foi inteiramente baseado em pesquisas etnológicas sobre a São Paulo dos Campos de Piratininga de 1653 e seus nada heróicos habitantes. Como André Toral é antropólogo e ilustrador, a relação entre história e quadrinhos ocorreu de forma natural. "Sou, em termos profissionais, um homem de duas mulheres. A rigor, um trabalho não tem nada a ver com o outro. Por exemplo, minha tese *Sociedade e religião carajá* é toda escrita e bastante longa. *O negócio do sertão* não é um trabalho de doutorado com ilustrações, mas uma HQ com um enredo legal", situa Toral, que detesta ser chamado de cientista-quadrinhista ou antropólogo-desenhista.

Em qualquer nomenclatura, *O negócio do sertão* é um épico dos quadrinhos. A revista narra uma *armada*, como eram chamadas as excursões de aprisionamento dos índios, a maneira mais fácil de enriquecer na primitiva São Paulo. E botá primitiva nisso. "Para escrever a história, me baseei numa monografia do antropólogo John Monteiro chamada *A vida em São Paulo no século 17* e todos os acontecimentos de minha narrativa poderiam ter acontecido. Tudo é verossímil", garante André Toral. Quanto à monografia de John Monteiro, ela se transformou em livro que será publicado ainda este ano pela Editora Companhia das Letras.

O quadro não é dos mais edificantes. Na pequena vila de *San Pablo en el Brazil*, a língua mais falada é o tupi, mesmo entre os brancos, que misturam espanhol e português. Cadáveres de índios apodreçam nas ruas, com os ossos roídos pelos cães. Homens doentes e maltrapilhos andam armados de punhais e arco e flexa. Mulheres raramente saem às ruas. Naquele fim de mundo, a única forma de melhorar de vida é através do

negócio do sertão ou "correr o mundo atrás do gentio", conforme os textos daquela época. Uma *armada* era um pequeno *negócio do sertão*.

"Este livro de John Monteiro, no qual minha revista está embasada, vai ser uma paulada na cara de muita gente. As famílias *quatrocentonas* vão descobrir que, muito antes dos alemães e italianos, foram os paraguaios que estiveram por aqui", diz o desenhista pelo telefone de sua casa em São Paulo.

Não é a primeira revisão da história brasileira operada por Toral. Em 1989, ele publicou na revista *Animal* a série *Pesadelos paraguaios*, que conta três episódios daquelas batalhas. Ela explica que "são os delírios dos soldados paraguaios. O primeiro deles é com Duque de Caxias, que lhes aparece como um sapo gordo, preto e horrível. Outro é um sonho dos paraguaios em tomar posse do

poderio naval brasileiro, já que Assunção não tinha Armada. O último é com os balões de observação que o Brasil importou para acompanhar a movimentação das tropas inimigas. Como os paraguaios nunca tinham visto balões, eles aparecem como algo terrível".

Aos 34 anos, Toral mantém sua

bigamia profissional. Depois de anos como capista da Editora Brasiliense — "fiz muitas capas da série *Primeiros passos*" —, o antropólogo continua a estudar os índios carajá. "Agora estou pesquisando sua cosmologia", adianta. Como ilustrador, acabou de expor no prédio da Bienal do Ibirapuera (SP) os painéis de *O caso dos Xis*. São desenhos que mostram como os índios brasileiros conduzem a luta pela terra, de forma inteiramente diferente dos brancos.

Com um traço que descende da linha clara de Milton Caniff (*Steve Canyon* e *Terry e os piratas*) e capaz de uma paciente reconstituição de época que o aproxima de Hergé (*Tim-Tim*), André Toral realiza uma das mais inteligentes e bem-acabadas produções em quadrinhos no Brasil. Sua próxima aventura será passada no Rio de Janeiro. "Pois é, virei um *maestro d'amore*. Desta vez, a história acontece no bairro de Botafogo e é um romance entre um jovem casal. Mas eu ainda tenho que passar uns tempos na cidade para fazer minhas pesquisas. E arrumar um editor". Procuram-se interessados.



Desenho do paulista André Toral